



ENTREATOS DO REAL

Construído em **parceria com Louise Botkay e o Coletivo Lakapoy**, 'Minha Terra Estrangeira', que marca a **volta de João Moreira Salles à realização de documentários**, está com a estreia em fase de espera, **por questões eleitorais**. Passada a eleição, **este estudo sobre as lutas dos povos indígenas** ganha as telonas. Seu processo **modificou o olhar do aclamado realizador** de 'Santiago', que **explica ao Correio da Manhã os aprendizados** que fez na sua direção. Páginas 4 e 5

FOTOCRÔNICA

FOTOS E TEXTO

CARLOS MONTEIRO

É vendaval...

O Rio amanheceu diferente. Não por causa do sol. Ele voltou, como sempre volta. Nem pelo azul do céu, que insistia em aparecer entre as nuvens desgarradas. O que mudou foi o silêncio.

Na manhã seguinte ao vendaval de 29 de julho, a cidade parecia caminhar devagar. Como quem ainda procura o fôlego. As calçadas estavam cobertas por folhas que até ontem faziam sombra. Galhos interrompiam caminhos. Árvores antigas, companheiras de tantas gerações, jaziam vencidas sobre o asfalto. Pareciam velhos fotógrafos que, depois de registrar milhares de amanheceres, resolveram descansar. O vento passou. Mas deixou retratos.

Cada esquina guardava uma fotografia invisível. Um sinal de trânsito apagado. Um quiosque de portas fechadas. Um barco dançando inquieto na enseada. O vendedor de mate olhando para o céu antes de empurrar o carrinho. O gari juntando folhas que insistiam em fugir da pá. O ciclista desmontando da bicicleta para contornar um tronco caído. Pequenas cenas. Grandes histórias. Foi um daqueles dias em que o Rio deixou de posar para o cartão-postal. A cidade, tão acostumada a ser admirada, mostrou suas rugas.

O vento não escolheu bairros. Entrou pelas avenidas largas. Correu pelas praias. Assobiou entre os edifícios de Copacabana. Sacudiu as amendoeiras do Flamengo. Fez dançar as palmeiras da orla. Subiu os morros. Desceu pelos vales. Nem o Cristo parecia abraçar a cidade com a mesma tranquilidade de sempre. Havia um ar de inquietação pairando sobre a Baía de Guanabara.

Enquanto caminhava, lembrei-me de quantas vezes fotografei essas mesmas árvores. Sempre ali. Firmes. Pareciam eternas. Descobri, ontem, que eternidade também cai.

O Rio sempre viveu entre extremos. O mar e a montanha. A luz e a sombra. A calmaria e a tempestade. Talvez por isso o carioca tenha aprendido a improvisar. Mas improvisto não substitui planejamento.

Fala-se muito em El Niño. Fala-se em aquecimento dos oceanos. Fala-se em mudanças climáticas. Os nomes importam. A ciência explica. Mas basta caminhar pelas ruas depois de um vendaval para perceber que o clima já não cabe apenas nos boletins meteorológicos. Agora mora nas calçadas. Nos fios rompidos. Nas árvores centenárias vencidas pelo vento. No susto de quem sai de casa sem imaginar o que encontrará na esquina.

A pergunta permanece. O Rio está preparado?

Olho para as figueiras antigas. Para as sibipirunas que ainda resistem. Para as palmeiras que desenharam a orla. Penso que cuidar da cidade talvez seja, antes de tudo, cuidar dessas silenciosas guardiãs que nunca aparecem nas manchetes até o dia em que caem.

O Rio é belo porque respira natureza. Não existe fotografia da cidade sem uma moldura verde. O Pão de Açúcar sem as árvores do entorno perde profundidade. O Corcovado sem a floresta perde o encanto. A Lagoa sem o reflexo das copas perde poesia. A paisagem carioca não é feita apenas de pedra e mar. É feita de folhas, de sombras, de raízes. Quando uma árvore cai, não perdemos apenas madeira. Perdemos memória.

Cada tronco guarda aniversários, namoros, brincadeiras de infância, conversas de banco de praça, beijos escondidos da chuva. Guarda décadas de passarinhos anunciando o amanhecer. Talvez o maior estrago do vendaval não tenha sido o que apareceu nos telejornais. Foi outro.

Foi descobrir que a Cidade Maravilhosa continua linda, mas já não pode confiar apenas na própria beleza para enfrentar o futuro. O clima mudou. Os ventos mudaram. E o Rio, que sempre ensinou o mundo a contemplar paisagens, talvez precise aprender, com urgência, a proteger aquilo que faz dessas paisagens um lugar único.

Hoje o sol voltou a iluminar as montanhas. Mas quem atravessou a cidade nesta manhã percebeu que havia menos sombra nas calçadas. E, curiosamente, foi justamente essa ausência que mais escureceu o Rio.



‘Aprendo cada dia mais’

Renata Sorrah fala sobre atuar com atores jovens em ‘Por Você’, a nova novela das sete

ADRIELLY SOUZA

Folhapress

A experiência de voltar ao set de uma novela também pode ser uma forma de continuar aprendendo. É assim que Renata Sorrah, aos 78 anos, encara o trabalho em “Por Você”, próxima novela das 19h da Globo. Na trama, a atriz interpreta Pérola, uma mulher firme e ética que precisa lidar com o conflito de amar a própria filha, Vanessa (Aline Moraes), apesar de não admirar as escolhas feitas por ela.

A personagem coloca Renata diante de uma relação familiar cheia de contradições. Vanessa é uma das vilãs da história, enquanto Pérola mantém uma postura humanista e tenta acreditar que a filha ainda pode mudar. Para a atriz, o desafio está justamente em não transformar esse sentimento materno em algo simples ou previsível. “Eu acho que a Pérola tem pela filha que é a Vanessa amor. Ela ama a filha, mas o grande sonho do que ela espera na vida é que ela consiga mudar, ela consiga se tornar uma pessoa melhor”, afirma.

A atriz diz que tem pensado com cuidado nos limites desse amor. Afinal, Pérola não deixa de amar Vanessa, mas também não consegue ignorar a pessoa que a filha se tornou. “É uma relação difícil você não admirar a sua filha. E ela ao mesmo ela ama a filha, ela gosta dela, ela quer que ela fique bem. E ela se pergunta... Onde foi que eu errei? Onde foi que não deu certo”, conta.

O conflito ganha ainda outra camada pela personalidade de Pérola. Longe de ser uma mãe permissiva, ela é descrita por Renata como uma mulher “muito firme, muito inteligente” e “muito íntegra, ética”. A personagem, segundo a atriz, tem uma visão de mundo distante daquela apresentada pela filha. “A Pérola é uma ideia mais humanista. Ela quer sim, como a Bela, atender a mulheres grávidas em situação de vulnerabilidade. Ela quer abrir isso, tipo SUS”, diz.

A relação entre mãe e filha, porém, é apenas uma das frentes de troca da atriz na nova novela. Em “Por Você”, Renata também divide

“Eu tenho milhares de anos trabalhando... e é sempre bom aprender, continuar aprendendo. No dia que disser: ‘Eu sei tudo, ah, isso eu já sei’. Aí acabou. Aí não tem graça. A graça é você estar sempre abrindo as janelas, abrindo as portas”

RENATA SORRAH

cenas com intérpretes mais jovens e vê nessa convivência uma oportunidade de renovar seu olhar sobre o próprio trabalho. “Eu nunca tinha trabalhado nem com a Giovana, nem com Lucas e foi delicioso, foi muito bom a gente trocar, olhar um no olho do outro”, afirma, citando Giovanna Grigio e Lucas, além de outros colegas do elenco.

Para Renata, a construção da personagem não acontece de maneira isolada. A atriz afirma que os colegas ajudam a revelar aspectos de Pérola que não estão necessariamente explícitos no texto. “O meu personagem está na Vanessa, na Bela, no Lucas, na Leandra. Eles é que vão me dando feedback de quem é essa Pérola. Então, é de uma importância imensa”, explica.

Aos olhos da atriz, esse tipo de interação é justamente uma das vantagens de permanecer em uma profissão na qual nunca existe uma fórmula definitiva. Mesmo depois



Lucas Seixas/Folhapress

De volta aos estúdios de uma novela, Renata Sorrah vai interpretar Pérola, mulher forte e íntegra que precisa lidar com a vilania de sua filha Vanessa (Aline Moraes)

de décadas de carreira, ela diz que continua encontrando motivos para se surpreender. “Eu tenho milhares de anos trabalhando... e é sempre bom aprender, continuar aprendendo. No dia que disser: ‘Eu sei tudo, ah, isso eu já sei’. Aí acabou. Aí não tem graça. A graça é você estar sempre abrindo as janelas, abrindo as portas, respirando, dizendo: ‘Como é que é? Olha que interessante’”, afirma.

“Por Você” também representa um momento de reencontro com a televisão para Giovanna Grigio. A atriz, que passou quase uma década

sem fazer novela, conta que voltar ao formato tem sido uma espécie de reaprendizado. “Está sendo toda uma experiência muito, muito especial, né? Porque realmente fazia muitos anos que eu não fazia novela. Eu estava fazendo bastante cinema e séries nesse meio tempo”, diz a atriz que compara a experiência a voltar a jogar um jogo que acreditava conhecer, mas que agora apresenta novas regras.

Com autoria de Dino Cantelli e Juliana Peres, “Por Você” parte de uma proposta diferente daquela que tradicionalmente domina a faixa das 19h. Em vez de colocar um romance no centro da narrativa, a novela acompanha uma amizade feminina e os vínculos construídos a partir dela.

A história é inspirada em um

caso real de uma policial civil do Rio Grande do Norte que, em 2018, acolheu seis crianças encontradas sozinhas depois de atender a uma ocorrência. A partir desse ponto, a trama amplia a discussão para temas como maternidade, luto, família e as diferentes formas de afeto.

Para Juliana Peres, uma das autoras, a história nasceu também do desejo de retratar a zona sul carioca e construir uma geografia reconhecível para os personagens. “Quando a gente começou a contar a história, a gente queria falar da zona sul carioca, porque a gente queria um universo ali que tivesse a nossa geografia, meio ali como o Maipá, Botafogo...”, explica, destacando que a escolha do título acompanha a ideia de entrega que atravessa as relações da novela.

ENTREVISTA | JOÃO MOREIRA SALLES
DOCUMENTARISTA

‘A realidade pela qual eu sou responsável é a que vem da ilha de edição’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Anna Luiza Miller/Divulgação

Há um entrave político retardando a estreia do trabalho mais recente (e, em certa medida, o mais surpreendente) do carioca (e botafoguense doente) João Moreira Salles fora de seu ofício na redação da revista “Piauí”: o longa-metragem “Minha Terra Estrangeira”. Nesta conversa com o Correio da Manhã, durante o festival Bonito Cine Sur, no Mato Grosso do Sul, o cineasta dá mais detalhes da situação. O caso é simples: estamos em ano eleitoral e o filme revisita as disputas políticas de 2022.

Assim sendo, só pode entrar em circuito depois do segundo turno (se houver) acabar. Esse mergulho em nosso passado recente envolve as lutas das populações indígenas sobretudo em relação a pejeas fundiárias. Não por acaso, parte desse contingente populacional entrou no projeto como coautor, assinando a direção com o realizador de cults como “No Intenso Agora” (sensação da Berlinale de 2017).

Produzido pela VideoFilmes, “Minha Terra Estrangeira” acompanha pai — Almir Suruí, líder indígena candidato a deputado federal por Rondônia — e filha — Txai Suruí, jovem ativista ambiental e hoje advogada — durante os 40 dias que antecederam a votação responsável por tirar Jair Bolsonaro do Palácio do Planalto, há cerca de quatro anos. Para a realização do filme, o coletivo Lakapoy — formado por cineastas indígenas Paiter Suruí e não indígenas — se uniu à cineasta Louise Botkay para registrar o cotidiano de Almir Suruí, enquanto o diretor João filmou Txai Suruí. O resultado é o encontro de duas perspectivas e seus contrastes, tocando em temas como quem representa, e, crucialmente, qual noção de tempo a cronologia da narrativa... e a da História... deve respeitar — a do indígena ou a do branco?

O lançamento do longa vai rolar, tão logo as eleições de 2026 terminem. Mas “Minha Terra Estrangeira” segue vivo, mesmo sem circuito. Antes de passar pelo Bonito CineSur, o feérico documentário, que estreou no É Tudo Verdade de 2025, participou também do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, em Goiás; do Santiago Festival Internacional de Cine, no Chile; do Festival do Rio; do International Documentary Film Festival Amsterdam; do Festival do Filme Documentário e Etnográfico de Belo Horizonte; do Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano de La Habana, em Cuba; do Big Sky Documentary Film Festival, nos EUA; do Hot Docs – Festival Internacional de Documentários, no Canadá; da Mostra Ecofalante de Cinema, em São Paulo; e integrou ainda as mostras COP 30 – Mostra Amazônia, em Belém, e BFI – Brazil on Film, no Reino Unido. É aplaudido com ardor por onde passa.

Há muito para Txai e Almir falarem, mas o longa sabe administrar quietudes também: “O silêncio por vezes diz que você está num mundo que não é o seu”, disse João numa masterclass em Bonito. O diretor do aclamado “Santiago” (2007) segue nesse leito no bate-papo a seguir.



Existe uma natureza que pode ser classificada como “investigativa” nesse seu trabalho mais recente como cineasta, e ela é um tanto distinto de seus dispositivos narrativos anteriores. O que há de novo na metodologia de “Minha Terra Estrangeira” e o que esse longa-metragem mudou no seu modo (habitual) de fazer documentários?

João Moreira Salles - Esse filme começou de uma maneira muito convencional, quase repetitiva, pois partiu de uma ideia similar àquela que eu usei em “Entreatos”, de 2004. Eu ia fazer com a Txai Suruí o que fiz naquele documentário sobre o Lula: ia acompanhá-la durante 40 dias, ao longo de sua campanha, assim como fiz com ele. Mas a coisa foi complicando, porque percebi que não dava mais para fazer o mesmo filme do mesmo modo. Em 2022, toda a discussão sobre repre-

sentação e todas as assimetrias culturais tornaram isso impossível. São discussões importantes, embora às vezes acabem produzindo uma interdição: a ideia de que eu só posso fazer filmes sobre mim mesmo ou sobre pessoas com quem compartilho o mesmo solo cultural. Isso seria terrível. Não existiria Eduardo Coutinho com essas interdições. O Coutinho dizia: “Eu só faço filmes sobre quem eu não sou”. Ele queria filmar mulheres porque nunca engravidou, nunca pariu; queria



Antes de passar pelo Bonito CineSur, o documentário, que estreou no *É Tudo Verdade* de 2025, foi exibido em vários festivais no Brasil e no exterior



O realizador destaca com as interações artísticas com o Coletivo Lakapoy resultou numa obra muito diferente do que ele imaginava



A advogada e ativista Txai Suruí em *'Minha Terra Estrangeira'*

filmar negros porque nunca sofreu racismo. O que mudou para mim foi entender que as questões de representação não permanecem no mesmo lugar de sempre. Quando decidi fazer um filme com a Txai, ela disse: “Eu não quero mais ser representada. Eu quero representar”. Isso mudou tudo.

Você já dirigiu em parceria antes, como foi a troca com Kátia Lund em “Notícias de uma Guerra Particular” (1999). Acerca de trocas, o cineasta Cacá Diegues (1940-2025) cunhou uma frase curiosa: “Existe uma diferença entre pacto e aliança. Pacto é uma troca na qual um dos lados sempre perde... tipo pactuar a alma. Aliança é uma troca onde os lados se complementam”. Seu novo documentário é um filme de aliança. O que se aliçou com a Louise Botkay e o Coletivo Lakapoy no processo de “Minha Terra Estrangeira”?

A primeira solução que tivemos para o projeto parecia boa para ambos os lados: eles fariam um filme sobre o pai, o Almir Suruí; eu faria outro sobre filha, a Txai. Depois percebemos que esses filmes, isoladamente, não eram bons. Então fizemos uma versão em que a primeira parte era inteiramente filmada pelo coletivo indígena e a segunda era inteiramente minha. Eu queria deixar muito evidente o que era deles e o que era meu, para não vampirizar imagens. Mas, quando mostramos o primeiro corte, veio uma grande descoberta. Eles disseram, em essência: “Tudo o que vocês fizeram, imaginando um compartilhamento, ainda é insuficiente. O filme



Sensação da Berlinale 2017, *'No Intenso Agora'* foi um dos maiores êxitos internacionais do diretor
Hoje na Netflix, *'Entreatos'* registra por dentro 40 dias da campanha presidencial de Lula, em 2002



Santiago Badariotti Merlo (1912–1994) protagoniza um dos docs mais famosos de João

continua contando essa história do ponto de vista político de vocês. Ele não explica quem nós somos. Ele termina com uma vitória (a do Lula) e a experiência nossa, a dos povos indígenas, sempre foi a da derrota”. Aquilo me impressionou profundamente. A partir daí, dessa fala, (os montadores) Eduardo Escorel e Laís Lifschitz, eu e o coletivo pegamos o martelo, quebramos o filme e o remontamos a partir de uma perspectiva que já não era mais a minha. Acho que é aí que a colaboração, a coautoria, realmente acontece.

A palavra “realidade” salpica a sua fala pública com frequência, sem vigília, mas, para a plateia que se formou com o seu cinema, esse termo tem um peso reflexivo. Esse verbete não é uma concretude; é uma dúvida. O que é realidade para o seu cinema?

Essa é uma pergunta que a Filosofia tenta responder há três mil anos. Vamos baixar a bola: o que é a realidade para um documentarista? É aquilo que você constrói na ilha de edição. A realidade do filme, aquilo que você diz do mundo, não é o mundo, e sim, o que você está dizendo sobre o mundo. Essa é a realidade pela qual eu sou responsável: a que vem da montagem. Lembro de uma entrevista maravilhosa do cineasta Chris Marker. Perguntaram por que ele usava tanto a primeira pessoa (o “eu”; o “nós”) em seus documentários. Perguntaram se aquilo não era uma afetação. Ele respondeu algo muito bonito: “Ao contrário do que as pessoas pensam, o uso da primeira pessoa em documentários é um sinal de humildade. É como se eu dissesse: ‘tudo o que eu tenho a oferecer sou eu mesmo. Eu sei quem eu sou. Eu sei como vejo o mundo. Então ofereço a você não o mundo, mas aquilo que eu vi e consigo contar sobre o mundo’”. Acho que esse pensamento resume uma trajetória. No começo eu tinha a ideia ingênua de que o documentário mostrava a realidade. Hoje entendo que não. O que existe é aquilo que eu consigo dizer sobre a realidade. Eu sou apenas um intermediário.

“Minha Terra Estrangeira” já tem previsão de estreia?

Existe uma questão ligada ao período eleitoral. O filme trata das eleições de 2022 e, por isso, não poderá estrear durante um processo eleitoral. Vai estrear, mas ainda não posso dizer quando. Ele ainda está em negociação com plataformas de streaming, na verdade com duas.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

'Homem-Aranha: Um Novo Dia' na briga global dos blockbusters

'Homem-Aranha' bate recorde nacional de bilheteria no ano

"Homem-Aranha: Um Novo Dia" está cumprindo as expectativas de seus produtores. O longa foi visto por 1 milhão de brasileiros e arrecadou R\$ 23,6 milhões em seu primeiro dia em cartaz no circuito nacional. Dessa forma, o novo filme do herói se tornou a maior estreia do ano no Brasil e a segunda maior estreia de todos os tempos no país, atrás só de "Vingadores: Ultimato", que em 2019

levou 1,5 milhão de espectadores aos cinemas.

O público brasileiro superou em 32,8% o de "Sem Volta Para Casa", longa anterior do herói, lançado em 2021. Anos após um feitiço que fez o mundo todo esquecer sua verdadeira identidade, Peter Parker luta para conciliar a sua vida pessoal e imagem pública enquanto se depara com uma ameaça capaz de manipular mentes alheias.

Uma ajuda ao audiovisual

Produtoras audiovisuais nacionais e internacionais gaham portal que reúne as 24 film commissions existentes no Brasil. A ideia é centralizar as informações sobre destinos, contatos institucionais e serviços de suporte técnico, facilitando a viabilização de filmagens de produtoras brasileiras e estrangeiras em diferentes regiões do país, reduzindo as etapas logísticas na busca por locações, conectando diretamente o mercado audiovisual aos destinos nacionais. A iniciativa é da Embratur e da Rede Brasileira de Film Commissions (REFIC).

Baixa no elenco

Boy George desistiu de participar da temporada do musical "Jesus Cristo Superstar" em Londres após a repercussão negativa de uma música pró-Israel, feita com IA, que ele publicou nas redes. O cantor não vai mais interpretar o rei Herodes na montagem no London Palladium.

Baixa no elenco II

Ele dividiria o palco com nomes como Jesse Tyler Ferguson, Richard Armitage e estava escalado para entrar em cena de 3 a 15 de agosto. A produção segue programada, mas sem a participação do cantor. A decisão foi anunciada nas redes sociais so artista por seu empresário.

Tem carioca no pódio em Joinville

O Rio teve uma única representante nos solos de sapateado da Mostra Competitiva do Festival de Dança de Joinville (SC). E ela terminou a disputa no lugar mais alto do pódio. Sarah Coutinho, da La Danse Art & Cia, conquistou o primeiro lugar na categoria solo feminino sênior com "Memória Inconsolável". O festival teve nesta edição mais de 6,1 mil coreografias inscritas.



Fabi Torres/Divulgação

2º Festival de Teatro do Rio entra na segunda semana com várias opções

Se a primeira semana do Festival de Teatro do Rio serviu para afirmar o que o evento quer ser — um retrato do melhor da cena teatral brasileira recente —, a segunda leva, que ocupa os Teatros Riachuelo Rio e TotalEnergies, expande essa pois, mais do que apresentar espetáculos consagrados, a programação desenha um mapa de cruzamentos: entre a literatura e o palco, a música e a memória, o humor e a ferida política.

O palco do Riachuelo recebe quatro montagens que cobrem um espectro notável de registros. Lília Cabral encarna Rita Lee em "Rita Lee: Balada da Louca", monólogo baseado na segunda autobiografia da roqueira, com texto de Guilherme Samora e direção de Beatriz Barros. Rita nos deixou em 2023, após tratamento contra o câncer.

"Mulher em Fuga", com Malu Galli, traz a primeira adaptação brasileira de Édouard Louis para os palcos. A peça acompanha Monique, mãe do autor francês, em diferentes momentos de vida, gesto literário ao mesmo tempo íntimo e político, que expõe as engrenagens sociais que silenciam mulheres da classe trabalhadora. Louis participa em voz off, numa cena de telefonema.

Fábio Porchat fecha a programação do Riachuelo com "Histórias do Porchat", em sua quinta e última temporada. Depois de 89 cidades brasileiras, 12 países e um emirado, o espetáculo de stand-up se despede dos palcos — ano de virada para o comediante, cada vez mais dedicado a projetos audiovisuais.

Já "A Pediatra" adapta o romance homônimo de Andréa Del Fuego, vencedora do Prêmio José Saramago por "Os Malaquias" em 2011. Debora Lamm interpreta Cecília, uma médica que paradoxalmente odeia crianças — "vilã de humor vil" que problematiza classe, gênero e ética profissional com mordacidade rara. A adaptação e direção são de Inez Viana, e o romance, traduzido para sete idiomas, foi considerado uma das melhores leituras de 2022 pela crítica.

No TotalEnergies, a programação se inclina para a investigação cênica. "Meu Corpo Está Aqui", de Julia Spadaccini e Clara Kutner, parte das experiências de

Linguagens cruzadas no palco

Cauê Moreno/Divulgação



Lília Cabral em cena de 'Rita Lee: A Balada da Louca'

atores e atrizes com deficiência para discutir afeto, desejo e corporalidade — vencedor dos prêmios FITA e APTR e indicado ao Shell, o espetáculo confirma a urgência do tema num circuito que ainda resiste à representação plena.

"O Motociclista no Globo da Morte" leva à cena a espiral de violência que envolve um matemático numa tarde qualquer, numa reflexão sobre as formas de brutalidade que atravessam a vida em sociedade.

"Deserto", primeira encenação brasileira baseada em fragmentos das obras e memórias de Roberto Bolaño, chega triplamente indicada ao APTR e ao Shell, com direção de Luiz Felipe Reis e atuação de Renato Livera. O espetáculo ilumina a jornada criativa do chileno — considerado o maior autor latino-americano da virada do século.

A mostra Nova Cena completa o recorte com duas apostas. "O Dinossauro de Plástico", primeiro

solo de Rafael Saraiva, aborda a hiperconectividade e a solidão da Geração Z com humor e leveza. "Aqueles que Deixam Omelas", baseado no conto homônimo de Ursula K. Le Guin nunca publicado no Brasil de forma autônoma, apresenta uma fábula moral sobre uma sociedade utópica que depende do sofrimento de uma criança. O espectador é convidado a perguntar até que ponto seu conforto se sustenta na invisibilidade alheia.

SERVIÇO

2º FESTIVAL DE TEATRO DO RIO

Até 16/8

Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38 — Centro) e Teatro TotalEnergies (Rua do Russel, 804 — Glória)

Programação completa: www.festivaldeteatrodorio.com.br

Ingressos pelo site www.ingresso.com

CRÍTICA RESTAURANTE | POLVO MARISQUERIA

POR CLÉO GUIMARÃES (FOLHAPRESS)

Bons frutos do mar a preços razoáveis

Apesar dos mais de mil quilômetros de litoral fluminense, é uma raridade encontrar restaurantes de frutos do mar com bom custo-benefício no Rio. Difícil comer peixe fresco ou um prato à base de moluscos ou crustáceos por menos de três dígitos. O Polvo Marisqueria consegue esse feito em algumas opções, com destaque para o menu-executivo.

Não conheço outro lugar na cidade onde seja possível pagar R\$ 59 por um bem executado e bem servido arroz com mexilhões. Em minha primeira visita à casa, essa foi a escolha - e fiquei bem satisfeita.

O arroz lambe-lambe (esse é seu nome) é cozido no caldo de moluscos com casca e sem casca e preparado com sofrito (o refogado que é base aromática essencial na gastronomia espanhola), leite de coco, gengibre, coentro e açafrão. Muito acima da média e, analisando friamente, apenas um pouquinho mais caro do que, por exemplo, um combo do McDonald's. Olha que coisa.

Eu estava sozinha em minha estreia no Polvo Marisqueria e fiquei só nesse prato, bastante promissor.

Incluído no menu executivo, o Arroz Lambe Lambe - cozido no caldo de moluscos - é um achado de R\$ 59



Por isso, deixei para provar algumas opções de entrada e principais quando retornasse.

Importante salientar a diferença entre os dois ambientes da casa. O térreo, apesar de barulhento e com mesas muito próximas (a ponto de eu saber dos planos do casal ao lado para o Rock in Rio), tem serviço mais ágil, enquanto no segundo andar, onde me sentei sozinha para

um almoço tardio, me senti meio esquecida pelo garçom no salão quase vazio e ainda recebi a bebida errada.

As comidas da chef sergipana Monique Gabiatti fazem relevos pequenos deslizes, e o atendimento no retorno foi dos mais atenciosos. Monique nasceu em Aracaju e morou em Maceió e Salvador antes de se mudar para o Rio. Vem daí sua intimidade com tudo o que vem do

mar, e ela mistura com competência suas influências nordestinas com a gastronomia da Península Ibérica.

O lagostim à Ramiro (R\$ 79), uma homenagem à gloriosa cervejaria lisboeta, não deixa nada a dever ao original português. Os lagostins grelhados são servidos com molho de azeite, manteiga, alho e salsa. Um ingrediente a mais seria desnecessário.

A criatividade vem em outras

opções, como o refrescante salpicão de caranguejo catado com emulsão de abacate e ovas de capelin (R\$ 72). Tarteletes crocantes acompanham, fazendo as vezes de torradinhas.

O cardápio já indica a procedência de alguns insumos, como as lulas e as vieiras de Arraial do Cabo, na região dos lagos. Os caranguejos da entrada vêm de Guaratiba, na Zona Oeste da cidade. Vale como um atestado de qualidade e frescor, espécie de ISO 9000.

As delicadas vieiras gratinadas com fonduta de couve-flor e bottarga da casa (R\$ 71) foram meu próximo passo, seguidas da espetada terra e mar (R\$ 59), com lulas e barriga de porco sequinhas e crocantes no espeto, sobre um saboroso homus de feijão-vermelho.

Infelizmente eu já não tinha fome suficiente para, mesmo acompanhada, provar o polvo inteiro (R\$ 259), glaceado no próprio caldo com batatinhas ao murro. Experimentei então o arroz de polvo (R\$ 98). Feito com óleo de tomate e sofrito, ele leva pedacinhos de paio e brócolis tostado e faz aumentar a vontade de provar o polvão inteiro. Mas para isso é preciso ser comedido nas entradas, o que não consegui.

SERVIÇO
POLVO MARISQUERIA
Rua Dezenove de Fevereiro, 194, Botafogo
Terça a quinta (12h às 16h e 18h às 23h), sextas (12h às 16h e 18h a 0h), sábados (12h às 17h e 19h a 0h) e domingos (12h às 17h) | @polvomarisqueria

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Um presente gourmet

Nesta terça-feira (4), às 19h, o Zona Sul Ipanema recebe o chef Danilo Parah, do restaurante Rudã, para uma aula-show com três receitas especiais, harmonizadas com vinhos selecionados pelo expert em vinhos da rede. No cardápio, cruído de peixe com melão, mac'n cheese de queijos brasileiros e basque de milho verde, cada preparo acompanhado por um rótulo pensado para valorizar os sabores da receita. A aula acontece na Estação Sabores do Zona Sul Ipanema (Rua Barão da Torre, 220), com ingressos (R\$ 130) à venda pelo Sympla.



Torta com afeto

A tradição de uma receita de família deu origem à novidade da Torta&Cia para o Dia dos Pais. A marca apresenta uma releitura da Torta de Café Crème. A nova versão traz camadas de creme de café intercaladas com camadas de biscoito amanteigado artesanal, criando uma crocância delicada que contrasta com a leveza do creme. A torta é preparada sobre uma base de frangipane de amêndoas e finalizada com uma generosa cobertura de creme de café (R\$ 225). A nova torta está disponível para pronta entrega em todas as lojas no mês de agosto.



Novo italiano no Leblon

Bairro com inúmeras opções gastronômicas, O Leblon acaba de ganhar um novo endereço para os fãs da culinária italiana. Em regime de soft opening, o Piano, do mesmo grupo do Clan, aposta em um ambiente intimista e um cardápio enxuto, com receitas clássicas e autorais. Entre os destaques estão a berinjela à parmegiana com ricota de búfala, o agnolotti del plin recheado de galetto e cogumelos na brasa, massas com o clássico molho carbonara e sobremesas como a torta de limoncello e o picolé de tiramisù.

SEGUNDA **NO 2**por
**FERNANDO
MOLICA**

A fantasia que marca livros e jogos de futebol

Nem sempre é fácil enquadrar um livro em categorias que definem romances, volumes de contos, crônicas, memórias, e por aí vai. Também não é assim tão simples dizer se aquelas páginas encadernadas nos entregam ficção ou carregam histórias compromissadas com fatos verídicos e narrados com objetividade.

Como nos relatos que fazemos no cotidiano, é difícil relatar a vida como ela — supostamente — é. Cada um de nós vê e conta um mesmo fato de maneira única, particular, por mais honesta que pretenda ser a narrativa. Não é possível, ainda bem, ter uma espécie de VAR capaz de checar detalhes tão pequenos que tornam única cada descrição de um mesmo episódio.

Na última Flip, a mesa que reuniu as escritoras Flávia Péret e Julietta Correa tratou dessa dificuldade de separar o ocorrido do inventado. Na conversa, chegou-se a dizer que a ficção serviria para preencher e completar hiatos de histórias reais.

O fato de a mineira Flávia e a argentina Julietta terem escrito, respectivamente, sobre a doença de Alzheimer vivenciada pela avó (“Coisas presentes demais”) e a demência da mãe (“Por que são tão lindos os cavalos?”) embolou ainda mais limites entre o ocorrido e o imaginado. De maneira involuntária e triste, suas protagonistas trataram de misturar esses mundos, anteciparam o que a neta e a filha fariam.

Tudo isso tem a ver com o emocionante livro “As regras”, em que a escritora paulista Lilian Sais trata da convivência com seu pai, Roberto, a partir da admiração de ambos pelo futebol. No início do jogo, a narradora conta que o texto nasceu de proposta que recebera, em outubro de 2022, para dar uma aula que tratasse da relação entre o esporte e a escrita de mulheres. A tal aula acabou não ocorrendo, mas o convite funcionou como uma madeleine com jeitão daquele cachorro quente com mate consumido em estádios — foi capaz de fazer aflorar histórias delicadas que tratam de



Reprodução

Roberto Sais Filho, personagem do romance “As regras”, de Lilian Sais, com as filhas

E é assim,
no ritmo que às vezes lembra um jogo assistido em uma dessas tardes de domingo, depois de uma macarronada ou de um churrasco, que Lilian coloca seu time em campo

futebol e vida, uma espécie de épico doméstico e carinhoso.

Ao longo das páginas, a escritora Lilian afirma e reafirma ser a personagem Lilian, filha do palmeirense Roberto Sais Filho. Na narrativa, tenta provar que é tudo verdade, o livro traz reproduções de cartões de visi-

ta do pai, que ao longo da vida vendeu sabonetes, molho de tomates, isopor, imóveis, e isso e aquilo. Há também fotos do menino vestido com a camisa do Palmeiras, do jovem bigodudo jogando uma pelada e dançando.

Há lembranças de partidas como a final da Copa de 1994, a memória da morte de Ayrton Senna, o relato da doença da mãe. Histórias que às vezes parecem meio soltas nas páginas, algumas chegam de forma meio abrupta, como se contadas em meio a uma conversa que vai de lá pra cá, de cá pra lá: uma hora o time ataca, outra defende, com frequência toca a bola de lado. O futebol, afinal, como ressalta o texto, é um dos espetáculos de dança mais longos e peculiares que existem.

E é assim, no ritmo que às vezes lembra um jogo assistido em uma dessas tardes de domingo, depois de uma macarronada ou de um churrasco, que Lilian coloca seu time em campo, arma e conclui suas jogadas. É tão convincente que faz o leitor acreditar que ela, a

autora Lilian, é mesmo a Lilian das páginas, a filha do Roberto.

É bem provável que a Lilian que escreveu o romance — o livro é assim definido na página que traz os créditos da publicação — tenha procurado retratar a menina que ela foi, a narradora que, em primeira pessoa, trata de seu pai, de regras, de jogadas, de passes, de acertos e erros. Mas autores são diferentes de personagens.

Sabe-se lá o que a Lilian-escritora procurou fazer ao traçar a estratégia do seu texto, ao narrar uma Lilian-protagonista, ao procurar nos convencer que narrou o jogo de forma clara e objetiva, como se isso fosse possível. Futebol só é tão bom porque, como um bom livro, remete à fantasia, ao que achamos que somos, ao que queremos ser. Saímos do jogo-livro como quem deixa o Maraca no início da noite de um domingo, ávidos para, no carro do pai, ligar o rádio e ouvir João Saldanha nos dar uma outra visão do que acabamos de assistir — jogos e livros nunca terminam no apito final.